

CELSO FOELKEL

MESTRE E APRENDIZ

Texto: Silvia Pimentel

A amante da natureza, Celso Edmundo Bochetti Foelkel foi um dos primeiros a introduzir no Brasil cursos especializados em celulose e papel, tema sobre o qual escreveu mais de 150 artigos e proferiu inúmeras palestras. Com uma vida totalmente voltada ao setor, Foelkel é sócio de mais de 15 entidades, inclusive internacionais, além de exercer a vice-presidência de Meio Ambiente da ANFPC. É diretor do Centro de Tecnologia e Ambiente da Riocell, que ajudou a criar em 1980, e hoje é uma unidade de negócios da empresa. Até nas poucas horas que lhe sobram para o lazer, a natureza de alguma forma está presente: gosta de caminhar na praia e assistir a filmes recheados de fenômenos naturais, como vulcões e terremotos. Suas outras paixões são ensinar e aprender. Simpático e descontraído, apesar de se definir como uma pessoa tímida, Celso Foelkel recebeu a revista *Celulose & Papel*, na sede da ANFPC, para a seguinte entrevista.

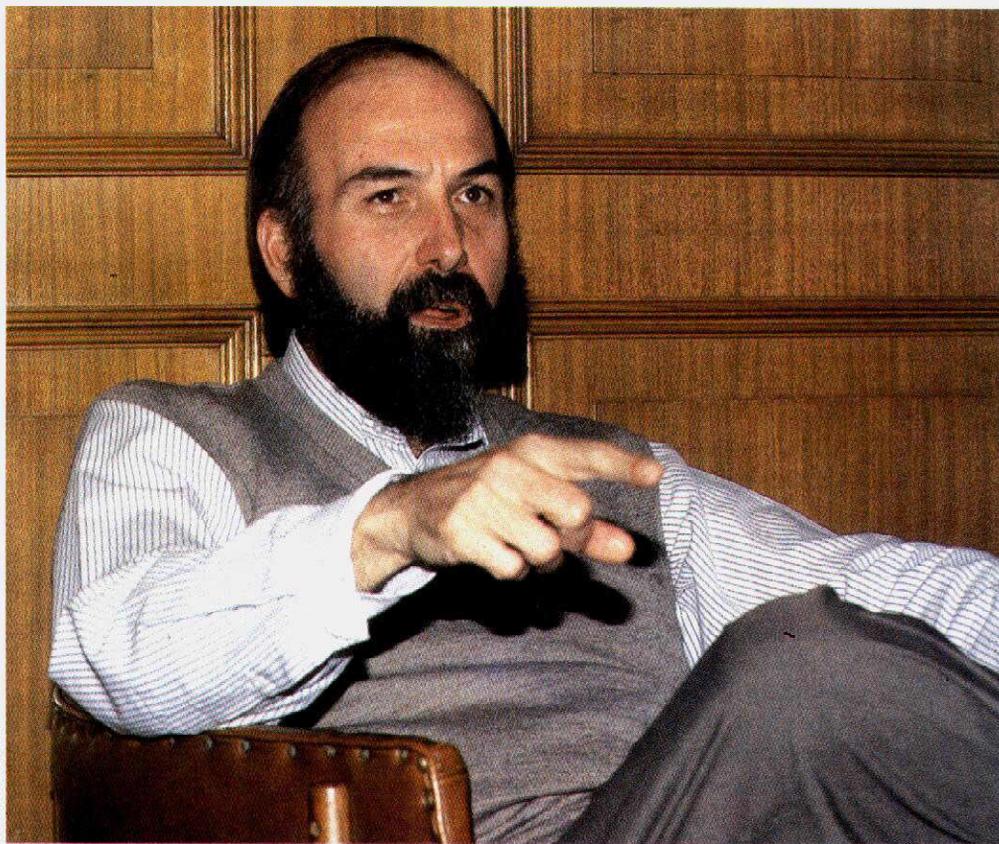


Foto: Nilton Queiroz

Foelkel: vocação para lidar com pessoas

Celulose & Papel - O senhor é agrônomo. Como surgiu sua opção pela área de celulose e papel?

Celso Foelkel - Sempre tive uma paixão pelas coisas da natureza. Quando iniciei a universidade, na Luiz de Queiroz, não pensava em atuar ou me dedicar ao setor, mas, no segundo ano descobri que a área florestal era a minha vocação. Ecossistema, proteção de bacias hidrográficas, influências climáticas eram assuntos que me encantavam muito. Sempre vi a produção de uma forma integrada com a natureza, então resolvi estudar celulose e papel. Na época, nos anos 70, este setor estava começando a crescer intensamente. Assistia-se ao nascimento de uma indústria que tinha competitividade

e chances de se transformar numa galinha de ovos de ouro para o Brasil.

C&P - Foi a opção certa, na hora certa?

Foelkel - Eu sou fruto de um momento brasileiro, uma época de boom para o setor florestal. Estava acabando de sair da faculdade e foi uma grande oportunidade, pois a escolha aconteceu no momento certo. Na época, tive a chance de conseguir uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, onde fiz mestrado em celulose e papel.

C&P - O senhor ficou quase dois anos nos Estados Unidos. Como foi a sua volta ao Brasil?

Foelkel - Quando terminei o mestrado, voltei para o Brasil e fui contratado pela universidade para fazer aquilo que

mais gostava: ensinar. Sou educador por natureza. Montei três cursos de papel e celulose no país, em nível de mestrado: o de Viçosa, Piracicaba e o de Santa Maria.

C&P - Como ingressou profissionalmente no setor privado?

Foelkel - Aí entra uma parte triste da minha vida. Em 74, aos 26 anos, fiquei doente, com câncer, fiz 15 cirurgias e fiquei oito meses no hospital. Quando voltei, a universidade achou que eu não era tão bom mais. O serviço público quis me aposentar. São nessas horas que você tem de tomar decisões. Se eu me aposentasse, a minha vida seria outra. Na época eu já tinha muitos artigos publicados e ministrado várias palestras. Disse não,

pois ainda tenho muito a fazer. Diante disso, resolvi tentar a vida na área privada, e fui para a Cenibra, a convite do Aldo Sani, por quem tenho muita admiração porque acreditou em mim.

C&P - Como foi sua trajetória profissional na Cenibra e sua transição para a Riocell?

Foelkel - Trabalhei por quatro anos na Cenibra e lá comecei a atuar no centro tecnológico que já estava pronto. Tive também oportunidade de montar o curso da Universidade Federal de Viçosa, que é reconhecido mundialmente. Mas quando fui para a Riocell, foi a mesma sensação de construir uma casa ou uma família. Era o princípio de tudo. Foi um grande desafio.

C&P - Quais as dificuldades que encontrou para montar o centro tecnológico?

Foelkel - Eu não tive tantas dificuldades. Tive muita ajuda, pois todos na Riocell queriam fazer o centro tecnológico. O maior desafio foi fazer em tão pouco tempo. A obtenção de financiamento junto ao Finep, desenhar o prédio, negociar os equipamentos, implementar o laboratório, contratar e treinar a equipe, tudo isso foi executado em apenas um ano. Em outubro de 79 lançamos a pedra fundamental e tudo ficou pronto em novembro de 1980.

C&P - Continuou a dar aulas?

Foelkel - O Aldo Sani, sabendo da minha vontade de montar cursos, me apoiou na montagem de um outro curso em São Paulo, juntamente com o professor Barrichelo e o pessoal do IPT. Por dois anos, eu saía uma vez por semana de Guaíba para dar aulas em Piracicaba. Tudo era financiado pela Riocell. Depois, optei por me aperfeiçoar na área de administração. Me matriculei em cursos e passei a praticar, também, as técnicas usadas em administração de recursos humanos. Comecei a entender melhor de finanças e marketing, crescendo, então, nessa área executiva.

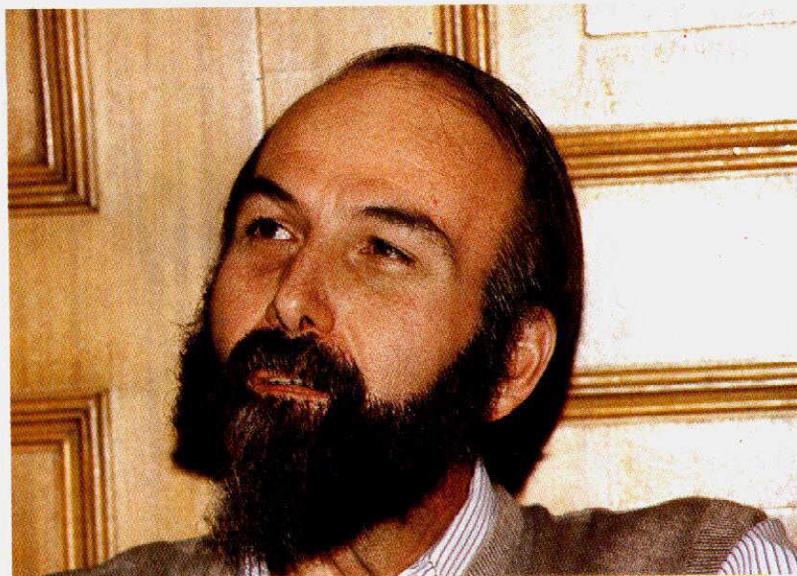
C&P - E como o centro se tornou uma

unidade de negócios?

Foelkel - Em 1993, a Riocell percebeu que podia ganhar dinheiro com tecnologia e vender serviços para terceiros. Vendemos tecnologia para o grupo Klabin. Algumas das empresas do grupo utilizam o nosso centro, pagando mensalmente como cotistas. Ajudamos a desenvolver tecnologia para a Bacell e agora estamos negociando patentes de tecnologia.

C&P - Qual a sua experiência como diretor de ambiente e tecnologia?

Foelkel - Ao longo desses 20 anos, meio ambiente passou a ganhar uma posição de destaque nas tecnologias. Num segundo momento, começou a preocupa-



“Nós não podemos ficar obsoletos. Por esta razão, meu nível de exigência é muito grande, tanto comigo como para com a minha equipe.”

ção com o impacto ambiental. Como eu posso minimizar esse impacto? Sou diretor de ambiente desde 1990, antes das pressões ambientais estarem tão fortes. Sou diretor de tecnologia e ambiente porque, além de trabalhar com tecnologias ambientais, sempre tive vocação para área de relações humanas. Foi uma excelente oportunidade profissional para a minha carreira. Tanto a Cenibra como a Riocell me deram oportunidade de criação, de desenvolvimento, de fazer aquilo que eu gosto.

C&P - O que o senhor considera importante para o desenvolvimento do

centro tecnológico?

Foelkel - Prouro sempre investir no desenvolvimento da minha equipe. Prefiro trabalhar com pouca gente, mas altamente qualificada, do que trabalhar com uma grande equipe incompetente. Eu não abro mão do desenvolvimento dos recursos humanos. Acredito que todos temos de olhar de frente para as pessoas que estão falando com a gente, em qualquer lugar do mundo, e não nos sentir inferiores e sim igualmente competentes. Nós não podemos ficar obsoletos. Por esta razão, meu nível de exigência é muito grande, tanto comigo como para com a minha equipe.

C&P - Em termos de tecnologia ambiental, como se posicionam as empresas do setor?

Foelkel - Existem empresas que possuem definitivamente padrões ambientais compatíveis com as maiores exigências mundiais. Evidentemente existem outras que têm ainda muito a caminhar para alcançar tal posição. A maior parte da produção brasileira é feita em padrões ambientais excelentes.

C&P - Quais as perspectivas para o setor de papel e celulose?

Foelkel - O setor cresceu e tem ainda muito espaço para crescer neste país. Ele tem competência e aprendeu a ser competitivo. Teve um alto aprendizado. Saímos dos anos 70 conhecendo quase nada. Em 25 anos, conseguimos chegar ao nível de excelência, em termos de florestas e produção. É um setor que cresceu porque existiram pessoas que acreditaram nele, investidores que colocaram dinheiro, apoio do governo e o setor respondeu positivamente. Foi uma somatória de esforços de pessoas competentes que acreditaram. Tivemos erros, é claro, mas acertos muito maiores.

C&P - Além de ensinar, o que mais gosta de fazer?

Foelkel - Gosto também de aprender. Eu tenho uma vontade fantástica de aprender com os outros. É uma dupla tro-

ca. Eu aprendo demasiadamente com todas as pessoas que convivo e procuro também ensiná-las. São os meus dois maiores valores e as coisas que mais gosto de fazer: aprender e ensinar. A empresa me proporciona isso numa velocidade muito maior do que uma universidade.

C&P - De que forma ?

Foelkel - A empresa é o reflexo das pessoas. Foi assim nas empresas em que trabalhei, como a Cenibra e a Riocell, onde encontrei pessoas que me apoiaram. Na verdade eu vivo o setor. Sou sócio e frequentador de cerca de 15 associações, incluindo as internacionais. Tenho uma atividade coletiva muito grande.

C&P - Como começou a participar das instituições e associações?

Foelkel - Entrei nessas atividades muito jovem, em clubes filatélicos e naquilo que se chamava gabinete de leitura. Aos onze anos devorava livros. Li quase todos os autores brasileiros, desde Machado de Assis a Aluizio de Azevedo. Na faculdade, frequentava diariamente o centro acadêmico. Quando iniciei a vida profissional fui buscar o mesmo tipo de atividade, como as associações de papel: ANFPC, ABTCP, IPEF, em Piracicaba e algumas internacionais. Em cada uma, tenho um círculo de amizades muito grande.

C&P - O senhor também é presidente da FIF?

Foelkel - A FIF é uma sociedade de Investigações Florestais, em Viçosa, que possui 15 empresas associadas. É uma espécie de cooperativa de empresas com a universidade para desenvolver projetos e pesquisas nas áreas florestal e de celulose e papel. Também sou vice-presidente de meio ambiente da ANFPC e diretor da ABTCP e faço parte do conselho consultivo do CENEX - Centro de Excelência Empresarial, no Rio Grande do Sul.

C&P - Como consegue conciliar todas essas atividades?

Foelkel - Às vezes faço a mesma pergunta. Quando começo a me questionar a respeito é a hora de ir para a chácara ou para a praia caminhar. É dessa forma que consigo administrar o estresse. Eu sei dos meus limites, tanto humanos como profissionais.

C&P - Costuma trabalhar em casa também?

Foelkel - Às vezes levo alguma coisa para fazer em casa. Quando minha esposa não trabalhava ela não gostava muito. Quando começou a trabalhar, até ela, que hoje dá aulas de inglês, fica trabalhando em casa até tarde.

C&P - O que gosta de fazer quando não está trabalhando?

Foelkel - Gosto muito de viajar e passear. Às vezes vou para a praia, onde tenho um apartamento e costumo caminhar. Pelo menos uma vez por mês vou para a minha chácara, curtir o sol e a natureza e plantar roseiras. Também gosto de assistir a filmes sobre fenômenos da natureza, como vulcões, terremotos e movimentos da terra.

C&P - Que avaliação faria de sua vida hoje e como foi a sua infância?

Foelkel - A minha vida tem sido uma sucessiva somatória de coisas boas. Eu

“Quando alguém me pede ajuda eu, na minha biblioteca, acho qualquer coisa com muita facilidade, principalmente quando está relacionada a minha área”

nasci em São João da Boa Vista (SP). Mas a maior parte da minha vida como jovem, passei em Jundiaí e em Piracicaba. Essas mudanças foram me trazendo facilidade de adaptação. Sou do tipo que não consigo voltar para a casa pelo mesmo caminho. A única coisa que realmente não quero trocar é a minha esposa, Lorena

C&P - Qual é sua origem?

Foelkel - O nome é alemão, mas ninguém pratica nada de alemão em casa. Meus tetra-avós eram alemães e vieram para o Brasil há muito tempo. Com a II Guerra, perseguições e discriminação, eles acabaram perdendo a vontade de ser alemães. Abandonaram, então, todos os costumes.

C&P - Está casado há quanto tempo?

Foelkel - Quando iniciei o namoro, minha esposa, Lorena, tinha 16 anos e eu 19. Me casei aos 22 anos. Hoje estou com 48, ela com 45 anos. Temos duas filhas, a Alessandra, de 24 anos e a Ester, de 16 anos.

C&P - Como é o seu relacionamento

em casa?

Foelkel - Não sou um pai excepcional. Trabalho e viajo muito e não tenho tempo para me dedicar integralmente à minha família. Mas o relacionamento com as minhas filhas é muito bom.

C&P - Até hoje costuma devorar livros?

Foelkel - Eu compro muitos livros. Como não tinha mais espaço para guardá-los, comprei, há um ano, a casa ao lado da minha para fazer uma biblioteca. Compro todos os livros que gosto e que se identificam comigo. Isso não significa que leio todos. Eu tive um professor que marcou muito a minha vida, chamado Salvador de Toledo. Era um velhinho que tinha uma habilidade notável para fazer palestras e um dia me explicou a diferença entre o sábio e o gênio. Segundo ele, gênio é aquele que sabe de todas as coisas e sábio é o que sabe onde encontrar.

Quando alguém me pede ajuda eu, na minha biblioteca, acho qualquer coisa com muita facilidade, principalmente quando está relacionada a minha área.

C&P - Sua rotina de trabalho é muito intensa?

Foelkel - Sou muito voltado e dedicado ao trabalho. Acordo cedo todos os dias e não tenho hora para começar ou terminar. Na fábrica con-

verso o dia inteiro, tenho reuniões constantes e as pessoas me procuram diariamente. Alguns me vêm como um pai, mesmo os mais velhos. Vivo o setor tecnológico, ambiental e florestal, o que me toma muito tempo. Eu atendo os clientes, negocio e às vezes até ajudo o setor comercial e a área técnica. Tudo isso me proporcionou um relacionamento muito amplo dentro do setor.

C&P - Tem muitos amigos?

Foelkel - Não sou uma pessoa afetiva. Não tenho grandes amizades, mas tenho muitos amigos, todos do setor de papel e celulose.

C&P - Fatos que marcaram sua vida com a família

Foelkel - A minha filha mais nova sempre quis encontrar uma forma de parecer-se comigo. Fisicamente, é muito parecida com a mãe, muito bonita. Mas um dia ela me disse: pai, eu encontrei uma coisa em mim que parece contigo. Eu pareço com você por gostar das coisas da natureza, disse ela. Foi gratificante ouvir isso.